

# A AQUISIÇÃO DAS INTERROGATIVAS WH *IN SITU* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Fabiola Sucupira FERREIRA SELL (PG-UFSC)\*

## 1. Introdução

A literatura acerca dos dados sobre aquisição de interrogativas WH de línguas que apresentam elementos WH tanto descolados como *in situ*, como é o caso do Português Brasileiro (doravante PB) e do Francês (cf. Crisma 1992), tem mostrado que interrogativas com WH deslocado são produzidas antes daquelas cujo elemento WH permanece *in situ*. Ou, de outra maneira, a aquisição das interrogativas WH *in situ* é considerada tardia em relação às demais estruturas envolvendo o nóculo CP. Este fenômeno parece ser intrigante, já que, pelo menos aparentemente, estruturas interrogativas com o elemento WH *in situ* parecem requerer menos operações que aquelas com o elemento WH deslocado.

Este trabalho tem por objetivo fazer um levantamento das principais questões que envolvem a aquisição de sentenças interrogativas com WH *in situ* no PB. Dentro de uma proposta minimalista e baseado em Nunes, Hornstein & Grohmann (2001), proporemos que o PB possui dois C<sup>0</sup> como núcleo de pergunta WH, um com traço WH forte, outro com traço WH fraco.

## 2. Problema

Dado o fato de que há línguas em que nas interrogativas o elemento WH permanece *in situ*, e outras em que esse elemento se encontra deslocado e ainda um terceiro grupo de línguas em que as duas

---

\*sell@terra.com.br

situações são aceitáveis, vários autores têm defendido a existência de um parâmetro [movimento WH], o qual recebe marcação positiva ou negativa no processo de aquisição da língua. Segundo essa proposta, a partir do *input*, a criança tem que marcar positiva ou negativamente o parâmetro [movimento WH]; positivamente quando há deslocamento em SS do sintagma WH para o início da sentença interrogativa; e negativamente quando este permanece *in situ*. Ocorre que no dialeto do PB falado nas regiões sudeste e sul do Brasil, estas duas estruturas de certa forma concorrem, o que complica a tarefa da criança em seu processo de aquisição de tal língua, já que aparentemente seu *input* é ambíguo.

Estudos sobre a aquisição de interrogativas WH no PB (cf. Sikansi 1999 e Grolla 2000) mostram que as primeiras sentenças deste tipo produzidas por crianças adquirindo tal língua apresentam o sintagma WH deslocado e que só tardiamente (por volta dos 3;9 anos de idade (cf. Grolla 2000)) é que elas começam a produzir interrogativas com WH *in situ*.

Segundo Crisma (1992), assim como o PB, o Francês apresenta sintagmas WH que podem permanecer *in situ* juntamente com a não obrigatoriedade da inversão sujeito-verbo. Também de modo análogo ao que foi demonstrado para o PB (cf. Sikansi 1999 e Grolla 2000), estruturas com WH *in situ* não são usadas nos primeiros estágios de aquisição do francês. Confira o quadro abaixo retirado de Crisma (1992: 120):

(1) Período – Idade	WH <i>in situ</i>	Total	% de WH <i>in situ</i>
T1 (2;1.19 - 2;2.17)	0	35	0
T2 (2;2.26 - 2;3.21)	1	79	1.3
T3 (2;6.13 - 2;7.18)	81	199	40.7 <sup>2</sup>

Crisma considera tais dados surpreendentes já que a estratégia *in situ*, envolvendo movimento WH em LF<sup>3</sup>, deveria ser menos custosa que

a estratégia de movimento WH em estrutura S, baseado em Chomsky (1992)<sup>4</sup>, segundo o qual operações em LF são mais 'baratas' e, portanto, preferíveis em relação a operações que envolvam movimento em Estrutura S. Neste trabalho não entraremos na questão do movimento WH em LF.

Na seção 3, retornaremos ao problema da aquisição tardia de interrogativas com WH *in situ* em dois estudos sobre o PB.

### 3. A experiência desencadeadora

Para Lightfoot (1989), nem tudo o que a criança ouve tem consequência na forma de sua eventual gramática. Na verdade a experiência desencadeadora (*trigger*), isto é, aquela que produz um efeito sobre o desenvolvimento lingüístico da criança, deve ser um subconjunto da experiência lingüística total desta, pois acredita-se que tal experiência seja muito pobre para determinar todos os aspectos das capacidades maduras que as crianças alcançam. Isto porque a eventual capacidade atingida pela criança percorre domínios infinitos e por isso deve incorporar propriedades recursivas não demandadas pela experiência. Além disso, uma parte da experiência desencadeadora é composta de dados degenerados que não têm efeito no processo de aquisição. Por fim, tal experiência não apresenta dados que levem à indução de princípios e generalizações lingüísticas.

O autor argumenta então que a experiência desencadeadora consiste de um conjunto casual de sentenças dadas em um contexto apropriado e não inclui 'dados negativos', ou seja, não há informações de que certas expressões não ocorrem. A experiência desencadeadora será formada, pois, de estruturas simples porém robustas muito comuns no *input* da criança, não incluindo, portanto, eventos exóticos. Dentro desta proposta de Lightfoot, conhecida como 'Hipótese do Grau-0 de aprendizibilidade' (*Degree-0 Learnability*), entende-se estruturas simples por sentença raiz e início da sentença encaixada (complementizador e sujeito da encaixada).

Embora Lightfoot (1989) não apresente em seu artigo uma definição precisa de 'dado robusto', podemos apreender que as propriedades fundamentais deste são a simplicidade da estrutura e a alta frequência no *input*.

O autor utiliza-se também do 'Princípio do Subconjunto' (Berwick, 1985, citado por Meisel, 1997), segundo o qual a criança seleciona, a partir do *input*, a linguagem o mais restrita possível. Assim, o valor padrão *default* do parâmetro é aquele que gera o menor conjunto de estruturas e a criança poderá refixar o parâmetro, se isto for necessário, com base apenas em evidências positivas. Entretanto, este princípio aplica-se somente a parâmetros com valores aninhados, o que não é o caso do parâmetro [movimento WH], que apresenta valores desconexos.

#### 4. Duas abordagens para o PB

Sikansi (1999) acredita que a aquisição das interrogativas WH *in situ* ocorre tardiamente porque tais sentenças aparecem em contextos diferentes das interrogativas com o elemento WH deslocado, pois cada uma delas representa um tipo de conhecimento que o falante assume que o ouvinte possui. Assim, no caso das interrogativas com WH deslocado, o falante admite a possibilidade de que seja vazio o conjunto sobre o qual o elemento WH deslocado opera. Por outro lado, as interrogativas com WH *in situ* ocorrem em contextos semelhantes àqueles das perguntas-eco, nos quais o falante assume que o ouvinte tem como preencher o valor da variável X que substitui o elemento WH da interrogativa.

A autora assume, então, a mesma estrutura para as interrogativas com WH *in situ* e para as perguntas-eco, com a diferença de que no caso das primeiras a situação pragmática na qual o falante encontrará as condições que lhe indiquem que o ouvinte será capaz de responder sua pergunta é mais amplo que aquela envolvendo uma pergunta-eco, cujo contexto pragmático encontra-se na sentença anteriormente produzida por seu interlocutor.

Para ilustrar sua hipótese, Sikansi (1999) apresenta o seguinte dado:

- (2) Situação: a mãe, que estava dirigindo o carro, pára num semáforo onde recebe um folheto de propaganda. Após dar uma rápida olhada no mesmo, ela o coloca sobre o console do carro. Então G pergunta:  
G: esse folheto é sobre o quê? (Gabriela 4;5.11)<sup>5</sup>

Sikansi acredita que G. pôde produzir uma interrogativa com o elemento *WH in situ* porque o contexto indicava que a mãe tinha condições suficientes para responder sua pergunta pois havia dado uma olhada no papel. A autora acrescenta ainda que se a mãe tivesse descartado o papel sem ler, tal situação não comportaria uma interrogativa com o elemento *WH in situ*. No entanto me parece que neste último contexto descrito pela autora não caberia nem uma interrogativa com o elemento *WH* deslocado.

A autora acrescenta que sua hipótese se confirma com o contraste apresentado abaixo, onde (3) seria uma resposta possível para (4) mas não para (5), pois como o elemento *WH* deslocado em (4) está em uma posição focalizada, o falante não assume como certo que o ouvinte poderá preencher o valor da variável que substitui o elemento *WH*:

- (3) Eu não telefonei para ninguém.  
(4) Pra quem você telefonou?  
(5) Você telefonou pra quem?

Mas é preciso levar em conta que o contraste demonstrado por Sikansi não é tão evidente quando testado com pessoas que falam um dialeto nordestino, no qual o elemento *WH* aparece mais *in situ* do que deslocado, de modo que (3) foi considerada uma resposta perfeitamente possível à pergunta (5). Isso nos leva a pensar que podemos estar lidando com dialetos diferentes. Mais adiante retornaremos a esta questão.

Sikansi conclui então que para interrogativas com WH deslocado é possível se obter como resposta uma sentença que informe que o conjunto sobre o qual o elemento WH opera seja vazio. Já para interrogativas com WH *in situ*, o ouvinte assume que este conjunto não é vazio, pois conhece os elementos que o compõem. Com esta explicação, Sikansi acredita dar conta dos contextos em que aparecem interrogativas WH *in situ* na aquisição:

- (6) DAN: Depois eu vou lavá outro.  
RAQ: Lavá quem? Lavá o meu? (Raquel 3;0.07)
- (7) MÃE: Olha # o elástico tá aqui. Deixa eu medir na tua cintura.  
RAQ: medir por quê?  
MÃE: pra caber direitinho? (Raquel 3;4.15)
- (8) Situação: G estava no carro com a mãe, o pai e a irmã mais velha. Eles tinham acabado de sair de casa quando G pergunta:  
G: mãe, a gente tá indo onde? (4;6.03)

Como a ocorrência do elemento WH tanto deslocado como *in situ* não caracterizam uma variação livre, a autora assume, então, que cabe à criança perceber os contextos específicos em que cada elemento WH ocorre, o que explica a aquisição tardia desta última estrutura. Portanto, diferentemente do que assume Lopes-Rossi (1996), Sikansi afirma que o PB marca positivamente o parâmetro [Movimento WH]. No entanto, se a criança tem que perceber os contextos específicos em que cada uma das estratégias de posição do elemento WH ocorre, isso significaria uma aquisição simultânea das duas estruturas para justamente a criança poder testar e decidir em quais contextos cada uma delas ocorre, ou seja, ela usaria as duas estruturas simultaneamente.

Outro problema da proposta de Sikansi é que não parece possível poder se considerar interrogativas com WH *in situ* e pergunta-eco como tendo a mesma estrutura, pois mesmo línguas que não possuem as primeiras, apresentam interrogativas com leitura-eco, como é o caso do inglês. Ademais, uma pergunta-eco só ocorre em situações muito específicas e

com uma entonação peculiar a elas em que o ouvinte retoma o discurso do falante; já as interrogativas com *WH in situ* até podem aparecer em contextos semelhantes às das perguntas-eco, mas por outro lado podem perfeitamente ocorrer em contextos nos quais temos interrogativas com *WH* deslocado.

Além disso parece-me que quando se faz uma pergunta, espera-se que o interlocutor saiba preencher o vazio que o elemento *WH* ocupa, independente da posição que este ocupe na sentença. O que parece estar faltando na hipótese de Sikansi é uma definição mais precisa de interrogativa *WH*.

Por fim, se a marcação do parâmetro [Movimento *WH*], como Sikansi afirma, é positiva, então como é que a criança produz, mesmo que tardiamente, interrogativas com o sintagma *WH in situ*?

Um outro estudo acerca das interrogativas *WH* do PB foi feito por Grolla (2000), que afirma que enquanto o PB adulto emprega largamente interrogativas com *WH in situ*, este tipo de construção é quase inexistente nos dados da aquisição. As primeiras construções envolvendo este tipo de estrutura aparecerão apenas depois dos 3;9 de idade na fala da criança pesquisada pela autora.

Grolla (2000) surpreende-se com este fato uma vez que no PB adulto as construções com o sintagma *WH in situ* são usadas 'largamente'. Observe os dados de língua falada utilizados pela autora, que por sua vez os toma de Lopes-Rossi (1996:117):

(9)

Tipo de pergunta	NURC/ SP*	TV**
WH deslocado	29%	30%
WH que	21%	19%
WH é que	37,50%	18,60%
WH <i>in situ</i>	12,50%	32,40%
Total	100%	100%

\* Dados coletados em programas de TV (situações de fala espontânea como entrevistas na rua e debates ao vivo).

No entanto, se reinterpretemos os dados, conforme o quadro abaixo, vemos que o que a autora chama um 'largo' emprego de estruturas com WH *in situ* compreende 12.5% do total de sentenças produzidas na fala adulta dos dados do NURC em contraste a 87.5% de construções com o elemento WH deslocado e 32.4% de WH *in situ* versus 67.6% de WH deslocado nos dados retirados da TV:

(10)

Tipo de pergunta	NURC	TV
WH deslocado	29%	30%
WH que	21%	19%
WH é que	37,50%	18,60%
Subtotal	87.5%	67.6%
WH <i>in situ</i>	12.5%	32,40%
Total	100%	100%

Diante destes dados, resta-nos perguntar o que exatamente Lightfoot quer dizer com *dado robusto* e se este contraste realmente representa um *input* ambíguo para a criança. Por outro lado, se tal *input* não é ambíguo, por que a criança em um determinado momento da aquisição passa a empregar em sua gramática tanto interrogativas com WH deslocado como com WH *in situ*?

Grolla procura explicar por que a aquisição de interrogativas WH *in situ* é tardia e que tipo de evidência na língua alvo levará a criança a gerar tais estruturas. Para tanto, assume a 'teoria baseada em *pistas*' (Cue-based Theory)<sup>6</sup> segundo a qual a GU específica não somente um conjunto de parâmetros, mas para cada parâmetro uma *pista*, que seria um tipo de estrutura derivada do *input* encontrada nas representações mentais que resultam da escuta, entendimento e decodificação dos enunciados. Grolla recorre também à 'hipótese de classificação de oração' (Clausal Typing Hypothesis) proposta por Cheng (1991)<sup>7</sup>, segundo a qual todas as orações devem ser classificadas em estrutura-S. Assim, no que diz respeito às interrogativas, e, baseada em línguas como o japonês, o chinês e o inglês, Cheng propõe que línguas que possuem uma partícula de pergunta (tanto

em interrogativas WH como em interrogativas Sim/Não), classificam as interrogativas utilizando tal partícula. Por outro lado, línguas sem esta partícula terão que efetuar movimento WH como uma operação do tipo Último Recurso (*Last Resort*) para classificar as sentenças como interrogativas. Temos então as seguintes generalizações:

- (11) “As línguas de WH *in situ* têm partículas WH. Línguas com partículas WH são línguas de WH *in situ*.” (Grolla, 2000: 78)
- (12) “Toda oração precisa ser classificada. No caso de se classificar uma pergunta WH, tanto uma partícula WH em C<sup>0</sup> é usada, quanto o alçamento de uma palavra WH para Spec de CP é usado, o que faz com que a oração seja classificada através de C<sup>0</sup> por concordância Spec-Núcleo.” (Grolla, 2000: 78)

Grolla mostra que o PB se qualificaria como um eventual contra-exemplo à proposta de Cheng, uma vez que possui tanto sentenças interrogativas com WH deslocado como com WH *in situ*, além de não possuir nenhum tipo de partícula nessas sentenças. Grolla propõe então traduzir a proposta de Cheng em termos de traços. Desta forma, línguas com partículas interrogativas possuiriam sempre o traço [WH] fraco, enquanto línguas com movimento WH possuiriam tal traço sempre forte. A autora assume então que o traço [WH] dos sintagmas interrogativos do PB pode ser tanto fraco (quando o sintagma WH permanece *in situ*) como forte (quando o sintagma WH é deslocado).

O que resta para Grolla explicar é como a criança adquirindo o PB consegue identificar que sua língua possui o traço [WH] forte opcional. Para dar conta desta questão, a autora assume que a criança utiliza-se de *pistas* não ambíguas para efetuar a marcação dos parâmetros de acordo com seu *input*.

Desta forma, num primeiro momento, a criança marca positivamente o parâmetro [Movimento WH], ou seja, só produz sentenças com WH deslocado. Mais adiante no processo de aquisição, com a presença de um resumptivo especial encontrado em construções que a autora chama de 'topicalizações à brasileira' (TopPB)<sup>8</sup> e que se qualificará

como uma *pista* não ambígua nos termos de Lightfoot, a criança modifica sua percepção sobre o *inpute* passa a gerar estruturas interrogativas com WH *in situ*. Isso explicaria, segundo a autora, a aquisição tardia de tais interrogativas, pois ela só acontecerá depois da aquisição do resumptivo, o que de fato é confirmado, segundo a autora, em seus dados empíricos<sup>9</sup>. Grolla assume, assim, que durante o processo de aquisição há uma alteração na marcação do parâmetro [Movimento WH] que passa da marcação positiva para a opção da gramática do PB adulto [+/- Movimento WH].

Grolla (2000) admite que sua hipótese de o PB ser considerado uma língua com traço forte opcional enfraquece a proposta inicial de Cheng de dividir as línguas em dois grandes grupos (com ou sem movimento WH em SS), uma vez que o PB acaba por não se encaixar em nenhum dos grupos, pois apresenta tanto interrogativas com WH deslocado como com WH *in situ*. Além disso, há também o problema da remarcação paramétrica, como a própria autora admite (cf. Grolla, 2000: 86). Grolla cita Dresher (1999), segundo o qual a estratégia de aprendizagem por *pistas* é determinística, ou seja, sem a possibilidade de remarcação de parâmetros para evitar que a criança entre num 'círculo vicioso'. Grolla defende-se argumentando que sua análise não entra em conflito com a idéia de Dresher já que o parâmetro será refixado uma única vez.

O problema da hipótese de Grolla é a dupla marcação paramétrica, que não pode ser confirmada. Além disso, embora a autora ache que sua proposta não entra em conflito com a proposta de Dresher, o argumento apresentado não chega a ser convincente.

## 5. Algumas questões

Duarte (2000) assume que o PB atual apresenta três gramáticas distintas quanto ao movimento WH. A primeira, semelhante à do PE, com todos os elementos WH deslocados. A segunda (falantes "puros" de dialeto rural, como no interior nordestino), com todos os elementos

interrogativos *in situ*. E, por fim, a terceira, que possui tanto *WH in situ* como *WH* deslocado. Se esta hipótese está correta, resta saber se no segundo tipo de gramática proposto por Duarte a criança só produz interrogativas *WH in situ*. Se isto é verdade, teríamos um indício em favor da hipótese de que a aquisição tardia de *WH in situ* se deve à pouca frequência deste tipo de estrutura no *input* da criança em uma gramática marcada [+/- Movimento *WH*]<sup>10</sup>.

Entretanto, um dos problemas desta abordagem é justamente ter que assumir três gramáticas distintas para o PB, ou seja, teríamos três formas diferentes de tratar a aquisição das estruturas *WH* interrogativas. Além disso, não creio que exista no PB uma gramática como a primeira proposta por Duarte, com todos os elementos *WH* deslocados. Se isso ocorre de fato, teríamos que assumir que todas as estruturas com *WH in situ* desta gramática possuem leitura-eco.

Por outro lado, existe um outro dialeto do PB atual, mais precisamente no nordeste brasileiro (Macció - Alagoas), em que a quantidade de estruturas interrogativas com *WH in situ* é maior que aquelas com *WH* deslocado. Além disso, nas sentenças com o elemento *WH* deslocado raramente se usa as estruturas *WH que* e menos ainda *WH é que*.

Diferentemente da hipótese de Duarte (2000), proporemos que no PB existe apenas uma gramática em relação às interrogativas *WH*, dotada tanto da estrutura de deslocamento *WH* quanto da de *WH in situ*, mas com diferenças dialetais referentes à frequência de cada estratégia. Portanto, o dialeto falado nas regiões sudeste/sul do Brasil, apresenta a estratégia de sintagma *WH* deslocado como a mais usual apesar de apresentar também o sintagma *WH in situ*. Já o dialeto falado em Macció/Alagoas apresenta usualmente o sintagma *WH in situ*, apesar de produzir sentenças interrogativas com o *WH* deslocado.

Infelizmente não tivemos acesso a dados de aquisição de interrogativas deste último dialeto para sabermos se a criança produz primeiro estruturas com *WH in situ* ou se seu comportamento lingüístico assemelha-se ao das crianças adquirindo o dialeto do sudeste/sul do

Brasil, ou seja, primeiro aquisição de interrogativas com WH deslocado e tardiamente com WH *in situ*.

O problema da aquisição de interrogativas WH do PB é justamente o fato de esta língua possuir ambas as estruturas de WH *in situ* e de WH deslocado independente da frequência que elas têm na língua. Uma vez que o parâmetro [Movimento WH] possui valores desconexos, não há nenhum motivo para decidirmos qual das duas opções representa seu valor *default*. É exatamente aqui que começa nosso problema e complica-se ainda mais quando temos que assumir para o PB que em dado momento da aquisição as duas opções tornam-se disponíveis.

Uma outra questão que precisa ser tratada é a contribuição da frequência na 'robustez' da experiência desencadeadora. Ao mesmo tempo que não se pode negar tal contribuição, a literatura tem mostrado que a frequência por si só não pode ser um fator desencadeante. Teríamos que optar, por exemplo, a uma acessibilidade em termos de estrutura, conforme Meisel (1997). Assim, a criança em processo de aquisição seria capaz de atribuir uma estrutura a um elemento encontrado no *input*. Entretanto, na fase em que ela se encontraria, de fixação dos valores paramétricos, sua capacidade para realizar uma análise deste tipo estaria restrita a um determinado tipo de dado tanto em termos de confiabilidade como em termos de complexidade gramatical. É aqui que retornamos, pois, ao grau-0 de aprendizibilidade de Lightfoot (1989).

Poderíamos propor que uma das características que marca uma sentença como pergunta no dialeto do PB falado nas regiões sudeste/sul do Brasil é o sintagma WH deslocado. Tal estrutura de deslocamento juntamente com sua frequência neste dialeto é que caracterizam a 'robustez' do dado desencadeador. Assim, a criança primeiramente passaria a usar estruturas interrogativas com WH deslocado, o que se confirma nos dados apresentados por Sikansi (1999) e Grolla (2000). No decorrer de seu desenvolvimento lingüístico, ela passará a usar também as estruturas interrogativas com WH *in situ*. Repare, entretanto,

que essa explicação, além de enfraquecer o poder explicativo da teoria, não dá conta do problema da dupla marcação paramétrica.

Um dado interessante é mostrado por De Villiers (1997), que argumenta que crianças adquirindo o inglês praticamente nunca produzem sentenças interrogativas com o sintagma *WH in situ* apesar de tais estruturas aparecerem com o que o autor chama de uma 'frequência surpreendente' na fala adulta e que poderia levar a um *input* ambíguo "um em cada 57 enunciados nas 7000 amostras de enunciados de pais, nas transcrições de Adam, um em cada 80 nas transcrições de Eve e um em cada 146 nas de Sarah" (Brown, Cazden e Bellugi 1969: 422).

Será que isso se qualifica como *input* ambíguo? Se é ambíguo, por que então a criança adquirindo o inglês não assume as duas estruturas (*WH* deslocado e *WH in situ*) como a criança aprendendo o PB?

Dentro da Hipótese Continuista, talvez por um problema de tamanho de memória ou de capacidade de processamento, a criança de um dialeto com um número maior de interrogativas com *WH* deslocado adquira primeiro estas para depois adquirir as interrogativas com *WH in situ*, já que naquelas o foco da sentença é o elemento *WH* deslocado. Mas como fica então a aquisição de dialetos com um maior número de interrogativas com *WH in situ*? Além disso, esse tipo de explicação tira o poder explicativo da teoria.

## 6. Uma proposta de análise para o PB

Na proposta minimalista de Chomsky (1995), o movimento encoberto é puramente de traços. Assim, só o traço [+*WH*] de sintagmas *WH in situ* é que são alçados, deixando o conteúdo lexical *in situ*. Além disso, os traços se dividem em dois tipos, os traços fortes, que devem ser eliminados na derivação antes de *Spell-out* e os traços fracos, que podem esperar para serem checados no componente encoberto.

No Programa Minimalista, bem como na teoria GB clássica de movimento *WH*, todos os sintagmas *WH*, todas as projeções máximas com um especificador *WH* e todos os *C*<sup>0</sup>s que são núcleos de uma pergunta

selecionada possuem o traço [+WH]. Em interrogativas múltiplas do inglês, o traço [+WH] de C é checado pelo movimento WH em sintaxe visível de um dos sintagmas WH da sentença. O outro (ou outros) sintagma WH, que permanece *in situ*, é alçado de forma encoberta (GB) ou tem seu traço [+WH] alçado de forma encoberta (Minimalismo)<sup>11</sup>.

Nunes, Hornstein & Grohmann (doravante NHG, 2001) descrevem os seguintes fatos sobre o movimento WH do PB adulto:

- a) o movimento WH em interrogativas matrizes é opcional com um C<sup>0</sup> interrogativo nulo (13a,b), mas obrigatório com um complementizador interrogativo aberto(14a,b):
  - (13) a. Como você consertou o carro?<sup>12</sup>
  - b. Você consertou o carro como?
  - (14) a. Como que você consertou o carro?
  - b. \*Que você consertou o carro como?
- b) o movimento WH em interrogativas encaixadas é obrigatório e independente de o complementizador ser nulo ou aberto:
  - (15) a. Eu perguntei como (que) você consertou o carro.
  - b. \*Eu perguntei (que) você consertou o carro como?
- c) o movimento WH (de argumentos) de dentro de interrogativas encaixadas é opcional se nenhuma ilha é cruzada, mas proibido se ilhas intervêm:
  - (16) a. Que livro você disse que ela comprou?
  - b. Você disse que ela comprou que livro?
  - (17) a. \*Que livro você conversou com o autor que escreveu?
  - b. Você conversou com o autor que escreveu que livro?

- d) O movimento WH de elementos inerentemente Não-D-Linked<sup>13</sup> é obrigatório:

- (18) a. Que diabo você bebeu?  
 b. \* Você bebeu que diabo?

Para explicar os dados do PB arrolados acima, dentro de uma teoria baseada em traços, os autores notam o seguinte:

- a) O complementizador interrogativo nulo encaixado, o complementizador interrogativo *que* e elementos inerentemente Não-D-Linked têm traço WH forte, acionando, assim, movimento WH em sintaxe visível;
- b) Existem dois C<sup>0</sup> matrizes interrogativos nulos: um com traço forte, outro com traço fraco, o que torna a opcionalidade de (13) e (16) ilusória, pois para cada opção está associado um C<sup>0</sup> diferente. Além disso, a obrigatoriedade da versão *in situ* de (18) mostra que não há derivação convergente baseada no C<sup>0</sup> com traço WH forte;

Como explicar a aquisição tardia das interrogativas com WH *in situ* baseando-se na abordagem de C<sup>0</sup> com traço WH fraco/forte de NHG (2001)? Primeiramente, teríamos que supor a existência de dois C<sup>0</sup>s diferentes no léxico: um com traço WH forte e outro com traço WH fraco. Assim, algumas línguas, como o inglês, selecionariam o C<sup>0</sup> com traço WH forte, uma vez que há movimento WH visível; outras línguas, como o chinês, que não possuem movimento WH visível, selecionariam C<sup>0</sup> com traço WH fraco. Por outro lado, línguas como o PB, que possuem tanto a estratégia de movimento WH visível como a opção de WH *in situ*, teriam acesso aos dois C<sup>0</sup>s no léxico.

Retomando os dados apresentados por Grolla (2000), a criança até 2;9 só produz perguntas WH com elemento WH *bare* à esquerda. Isso pode significar que suas interrogativas tem C<sup>0</sup> com traço forte. A

partir de 2;9 começam a aparecer as primeiras interrogativas com complementizador aberto *que* e a seqüência *é que*. Como o complementizador *que* tem traço WH forte, segundo NHG (2001), o movimento WH será acionado obrigatoriamente. Neste caso, não há a opção da versão *in situ*.

Somente a partir dos 3;9 de idade é que a criança começa a produzir interrogativas com WH *in situ*. Isso sugere o aparecimento de um C<sup>0</sup> com traço WH fraco. Veja que caímos novamente no problema, discutido anteriormente, de termos traço forte e fraco numa mesma categoria, pois até um determinado ponto da aquisição a criança marca C<sup>0</sup> com traço WH forte; depois, a partir de algum mecanismo que não sabemos qual seja, ela descobre que em PB há também um C<sup>0</sup> com traço WH fraco.

Aqui aparecem duas perguntas: por que a criança adquirindo o PB primeiro utiliza apenas o C<sup>0</sup> marcado com traço WH forte para depois utilizar também o C<sup>0</sup> marcado com traço fraco? E, em segundo lugar, o que faria esse C<sup>0</sup> com traço WH fraco emergir?

Para responder à primeira pergunta, poderíamos pensar que a criança primeiramente marca C<sup>0</sup> com traço WH forte porque é justamente o deslocamento do sintagma WH que caracteriza uma sentença como pergunta no PB falado nas regiões sudeste/sul do Brasil, além de ser o deslocamento do sintagma WH para a periferia esquerda na sentença a forma mais usual de se marcar pergunta WH nas línguas em geral. Além disso, estruturas com deslocamento WH à esquerda parecem caracterizar o 'dado robusto' que aciona sentenças do tipo interrogativa WH no PB.

Uma hipótese para responder à segunda pergunta é que a marcação do traço fraco tenha algo a ver com a aquisição do complementizador *que*. Repare que primeiro a criança só produz interrogativas com WH *bare* deslocado. Quando a criança passa a utilizar também interrogativas com complementizador *que*, isso desencadeia uma comparação entre as duas estruturas. Essa comparação leva à percepção das diferenças entre sentenças com complementizador nulo e sentenças com complementizador aberto. O complementizador *que* "força" o

movimento WH, uma vez que não é possível deixar o elemento WH *in situ*. Como nessas interrogativas não é possível a versão *in situ*, a criança percebe a partir do *input* que interrogativas com sintagmas WH *bare* não têm essa restrição pois seu complementizador é nulo. Assim, a criança adquirindo o PB passa a perceber e produzir interrogativas com WH *in situ*.

Talvez o complementizador *que*, juntamente com o tipo de estrutura em que está envolvido (+ movimento WH), seja a pista de que a criança precisa para descobrir que o PB possui dois C<sup>0</sup> matriz interrogativos nulos, um com traço WH forte, outro com traço WH fraco.

Uma evidência disso é que línguas que não possuem interrogativas com o complementizador *que* só apresentam um tipo de C<sup>0</sup>: o inglês e o PE, por exemplo, só têm C<sup>0</sup> com traço WH forte, por isso só apresentam interrogativas com WH deslocado; já o japonês e o chinês, só têm C<sup>0</sup> com traço WH fraco, portanto só apresentam interrogativas com WH *in situ*. Por outro lado, o PB e o francês<sup>14</sup>, que possuem interrogativas com complementizador *que*, apresentam tanto C<sup>0</sup> com traço WH forte como com traço WH fraco.

Dentro desta abordagem minimalista, uma vez que uma estrutura com WH *in situ* e uma estrutura com WH deslocado apresentam Numerações diferentes, pois a primeira seleciona um C<sup>0</sup> com traço WH fraco e a segunda um C<sup>0</sup> com traço forte, tais estruturas não seriam passíveis de comparações. Isso resolve o problema posto no início deste trabalho de a derivação com WH *in situ* ser adquirida tardiamente em PB apesar de ser aparentemente mais econômica.

Não há no PB, portanto, marcação nem forte nem fraca para o traço WH de C<sup>0</sup>. A criança, num primeiro momento da aquisição só acessa C<sup>0</sup> com traço WH forte por ser esta a forma mais comum de se fazer pergunta WH. Mais tarde, no processo de aquisição, com a entrada do complementizador *que*, ela passa então a acessar o C<sup>0</sup> com traço WH fraco.

## 7. Continuísmo ou Maturacionismo?

Uma questão que ainda continua em aberto é saber se alguma das hipóteses de aquisição da linguagem se adequa melhor à descrição feita neste trabalho. Na verdade pode-se ter a falsa impressão de que o tratamento dado à aquisição das interrogativas WH em PB seria um argumento a favor da hipótese maturacionista, pois parece que num primeiro momento a criança ainda não está madura o suficiente para perceber a existência de dois tipos de C<sup>0</sup>.

Por outro lado, uma vez que línguas como o inglês marcam C<sup>0</sup> com traço WH forte e línguas como o chinês marcam C<sup>0</sup> com traço WH fraco e, ainda, línguas como o PB são não-marcadas, a hipótese Continuísta de aquisição da linguagem parece ser mais adequada aos fenômenos aqui mostrados, já que propomos que a aquisição das interrogativas WH com complementizador *que* modificaram a percepção que a criança tinha do *input* a ponto de reestruturar sua gramática, com a aquisição das interrogativas com WH *in situ*, para torná-la compatível com a gramática do PB adulto.

No entanto, a própria diversidade das línguas em relação à marcação de força do traço WH de C<sup>0</sup> nos leva a crer que essa marcação não deve servir de evidência a favor nem da hipótese Maturacionista nem da Continuísta.

## 8. Considerações finais

De acordo com Chomsky (1995), a força de um traço, e conseqüentemente a necessidade ou não de se realizar movimento aberto para checá-lo, é um elemento da variação das línguas<sup>15</sup>. Isso explica sucintamente a existência de línguas em que o movimento de um dado elemento é obrigatório e de outras em que tal movimento é proibido: tudo se resume a uma marcação paramétrica. Mas é preciso explicar, ainda, por que em algumas línguas o movimento de alguns elementos parece ser opcional (por exemplo, os elementos WH no PB).

Se fizéssemos um inventário de todas as respostas possíveis para esse problema no caso particular apontado acima, teríamos quatro alternativas: o parâmetro [Movimento WH] no PB (1) é marcado negativamente, (2) é marcado positivamente, (3) é duplamente marcado (quer dizer, ao mesmo tempo marcado negativa e positivamente) e, finalmente, (4) é não-marcado. Essas são, respectivamente, as posições de Lopes-Rossi (1996), Sikansi (1999), Grolla (2000) e a assumida no presente trabalho. Cada uma dessas opções teóricas possui problemas específicos.

A posição defendida por Lopes-Rossi (1996) parece ser a menos adequada uma vez que os dados do PB, tanto na aquisição quanto na fala adulta, mostram justamente o predomínio do uso de elementos WH deslocados. A posição oposta, a de Sikansi (1999), por outro lado, não dá conta dos dados com elemento WH *in situ*, cuja frequência em PB está longe de ser desprezível.

A proposta de Grolla (2000) contempla as duas possibilidades, se apresenta, portanto, como uma descrição mais adequada dos fatos da nossa língua. Mas aqui o problema que aparece é de outra ordem. A dupla marcação com valores opostos para um mesmo parâmetro parece ferir o princípio lógico da não-contradição.

Por fim, cabe reconhecer que a proposta defendida neste trabalho também não é isenta de problemas. O principal deles é ter que assumir que o léxico contém dois tipos de  $C^0$  (e não apenas um, como seria natural supor): um marcado com traço WH forte e outro com traço WH fraco. O PB, na medida em que não determina paramétrica/idiossincriticamente a escolha de apenas um deles, pode então apresentar sentenças com e sem deslocamento do elemento WH. Mas assumir a existência de um elemento a mais no conjunto universo da GU é problemático e precisa ser fundamentado em outras evidências. Mesmo supondo a possibilidade de que o léxico contenha efetivamente dois tipos de  $C^0$ , a duplicação desse constituinte aparece aqui ainda de forma um tanto quanto *ad hoc*. De qualquer forma, das quatro opções a última ainda me parece ser a que melhor consegue responder aos dados do PB, aos princípios

fundamentais da Lógica e à coerência interna das análises feitas dentro do modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria Gerativa.

### Referências Bibliográficas

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Current Studies in Linguistics, Cambridge, Massachusetts: MIT, 1995.

CRISMA, Paola. 'On the acquisition of WH-Questions in French" In: *GenGenP*, no. 1-2, 1992.

DE VILLIERS, Jill. "Categorias vazias e frases complexas: o caso das perguntas Qu-". In: Fletcher, P. & B. Mac Whinney. *Compêndio da Linguagem da criança*. PA: Artes Médicas, 1997.

DUARTE, Inês. "Português Europeu e Português Brasileiro: 500 anos depois, a sintaxe". Congresso Internacional *500 anos de Língua Portuguesa no Brasil*. Universidade de Évora, 2000.

Grolla, Elaine B. *A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2000.

LIGHTFOOT, D. "The child's trigger experience: degree-0 learnability". *Behavioral and Brain Sciences*, 12. p. 321-334. 1989.

LOPES-ROSSI, M. Aparecida G. *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese de Doutorado. Campinas, São Paulo, 1996.

NUNES, HORNSTEIN & GROHMANN. *Introduction to Minimalist Program*, ms. 2001.

MEISEL, Jürgen M. "Parâmetros na aquisição". In: Fletcher, P. & B. Mac Whinney. *Compêndio da Linguagem da criança*. PA: Artes Médicas, 1997.

SHI, Dingxu. "The nature of Chinese WH-questions" in: *Natural language and Linguistic Theory* 12: p. 301-333, 1994.

SIKANSI, Nilmara S. *A aquisição das interrogativas-Q do Português do Brasil*. Memorial para qualificação de Tese de Doutorado. Campinas, São Paulo, 1999.

XU, Liejiong. "Remarks on LF movement in chinese questions". *Linguistics* 28, p.355-382, 1990.

## Notas

<sup>2</sup> Esta percentagem de 40.7% inclui, como faz notar Crisma (1992), os exemplos de sentenças com *WH in situ* do tipo "C'est Qui NP" que poderia ser considerada como uma forma fixa. Se tais exemplos fossem retirados, a percentagem de interrogativas com *WH in situ* cairia para 11.5% do total de interrogativas WH em T3.

<sup>3</sup> Esta proposta de movimento WH em LF surgiu com Huang (1982, citado por Xu, 1990) para explicar as interrogativas com *WH in situ* do chinês. Segundo esta abordagem, todo *WH in situ* é um operador que se move em LF para o Spec de CP mais alto a fim de tomar escopo. Desta forma, todas as línguas se submeteriam a movimento WH, reduzindo, assim, suas diferenças apenas ao nível em que tal movimento se aplica: estrutura-S ou LF. Existem, porém, outras propostas em que se acredita não haver movimento WH em LF. Para Shi (1994), por exemplo, sintagmas WH do chinês são tratados como variáveis ligadas por um operador *Question* (Q) que marca escopo aos sintagmas WH em seu domínio.

<sup>4</sup> Citado por Crisma (1992).

<sup>5</sup> Os números indicam a idade da criança em anos, meses e dias, respectivamente.

<sup>6</sup> Dreshe & Kaye (1990), Dresher (1999), Fodor (1998) e Lightfoot (1999), citados por Grolla (2000).

<sup>7</sup> Citado por Grolla (2000).

<sup>8</sup> Topicalizações à brasileira são construções em que um tópico DP está presente mesmo quando esse elemento é um PP em seu local canônico na sentença comentário, como observamos no exemplo "Essa janela bate bastante sol (nela)".

<sup>9</sup> Enquanto a primeira estrutura com o resumptivo especial aparece aos 2;9 de idade, a primeira estrutura com *WH in situ* aparece somente aos 3;9 de idade.

<sup>10</sup> A literatura mostra que existe uma maior frequência de interrogativas com WH deslocado do que com WH *in situ*.

<sup>11</sup> Dentro da abordagem minimalista, como sabemos qual é o sintagma WH que é alçado? Isso já vem marcado na numeração ou é estabelecido a partir de *Shortest Movement Condition*?

<sup>12</sup> Exemplos de (31) a (36), NHG (2001).

<sup>13</sup> Sobre elementos WH D-linked / Não-D-linked veja Pesetsky (1987).

<sup>14</sup> No francês canadense é possível uma estrutura do tipo de (i) abaixo:

(i) Qui que est parti?

‘quem que partiu’

<sup>15</sup> Chomsky (1995: 232).